



**JOÃO, MARIA
& BELTRAME
UM CONTO DE FARDAS**

Texto: Rafucko
Ilustrações: Felipe Vaz

"O Rio de Janeiro tem essa história e vamos, talvez, perder uma geração para mudar um quadro de violência que, infelizmente, o Estado deixou chegar ao ponto em que chegou"

José Mariano Beltrame, novembro de 2013.

I.

Era uma vez, em uma favela carioca, um pobre trabalhador e seus dois filhos. Também morava com eles a madrasta das crianças. Certo dia, enquanto o homem trabalhava, as crianças brincavam na sala. A madrasta, que vendia salgadinhos congelados para complementar a renda, trabalhava na cozinha. A farinha acabou, e ela juntou o último dinheiro que tinha para ir ao mercado. Disse para as crianças: "Não vão brincar na rua, porque é perigoso".

II.

Cansados de brincar na sala pequena, João sugeriu para Maria que fossem brincar na rua, a despeito do pedido de sua madrasta. Maria questionou João: "Mas como vamos voltar pra casa depois?", ao que João respondeu "Eu tenho um plano". João alcançou um punhado de salgadinhos na bancada da cozinha, esfarelou-os e colocou no bolso. João espalhava farelos pelas vielas por onde andavam, para encontrar o caminho de volta pra casa.

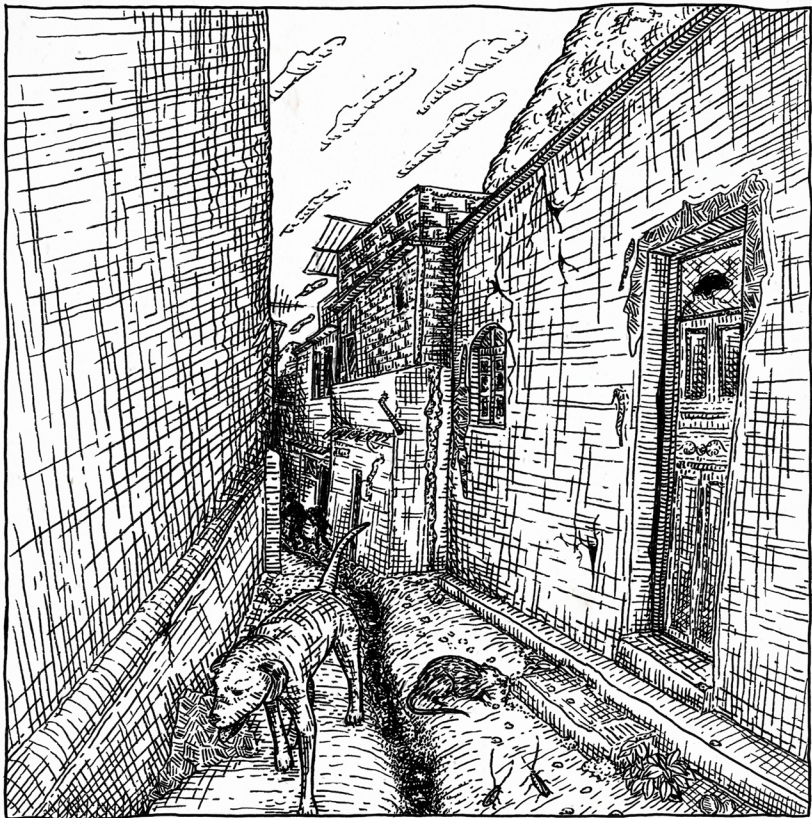


III.

No meio do passeio, um tiroteio teve início na favela. As ruas ficaram vazias e Maria pediu a João que voltassem para casa. Porém, as duas crianças não conseguiam mais encontrar o caminho: por causa da falta de saneamento básico e coleta de lixo, ratos que ali viviam haviam comido os farelos que deixaram no chão.

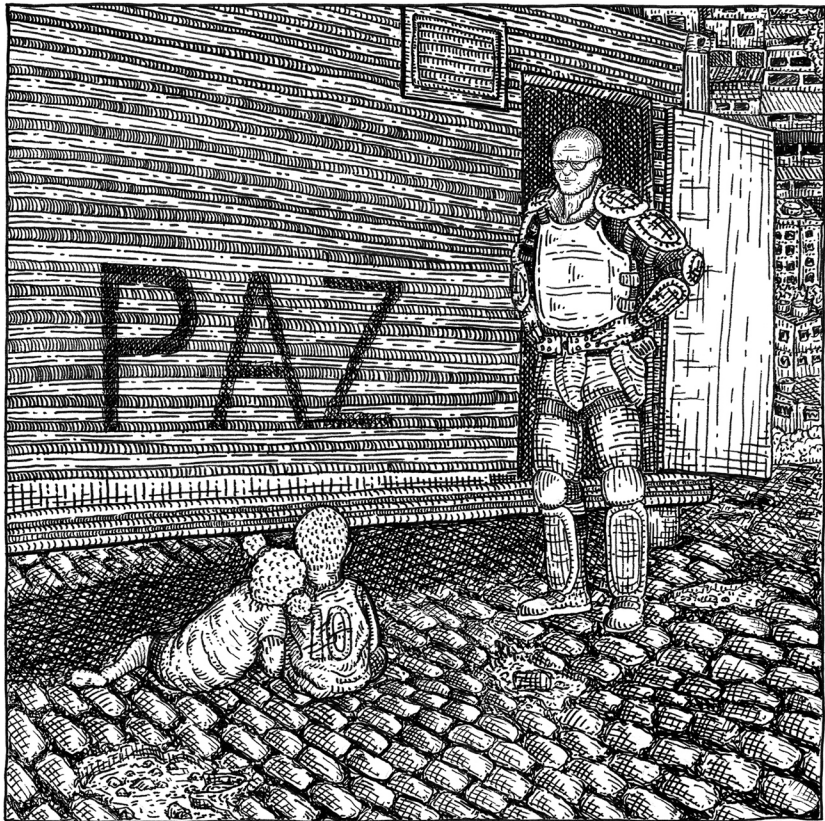
IV.

Anoiteceu. Os dois chegaram no final de um beco, onde deram de cara com um contêiner. Nele, João, que já sabia ler, viu escrita a palavra PAZ. "Vamos para lá, Maria, ali estaremos protegidos". Os dois se encostaram no contêiner e Maria começou a chorar.



V.

"Ei, crianças", disse uma voz grossa, assustando os irmãos. "Fiquem calmos, vocês podem se abrigar aqui dentro", disse o homem, que trajava uma espécie de armadura e uma arma atravessada nas costas. Se tratava de José Mariano Beltrame, Secretário de Segurança do Rio de Janeiro de 2007 a 2016. Ainda temerosos, os irmãos entraram, pois o barulho dos tiros se tornava mais intenso a cada momento.

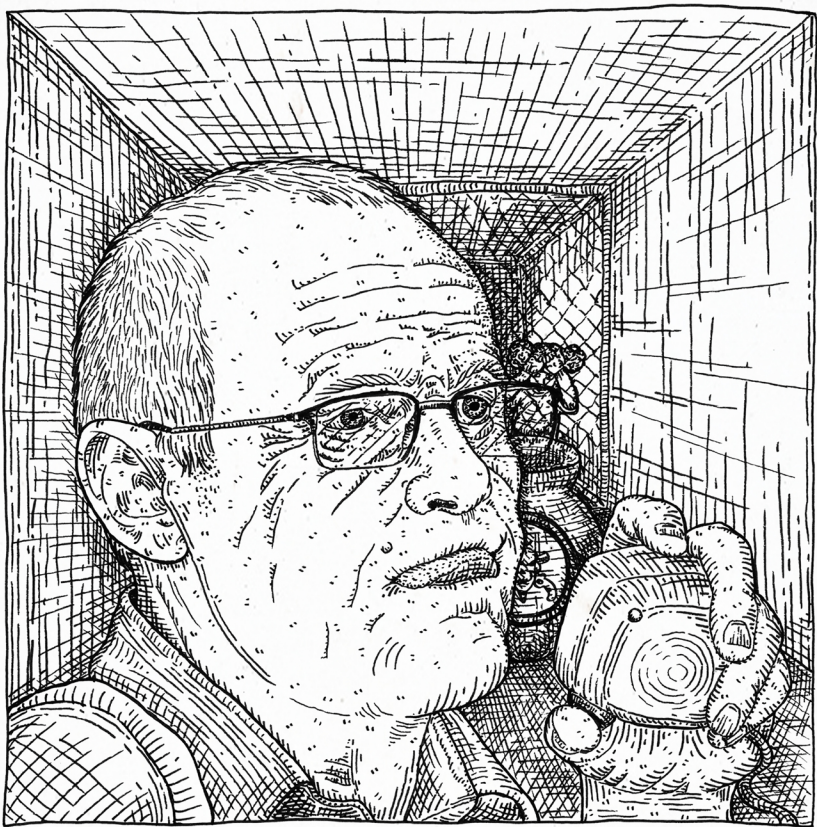


VI.

Lá dentro, Beltrame trancou João e Maria em uma jaula. Disse que era para que aprendessem a se comportar. No entanto, Maria ouviu Beltrame falando ao rádio qual era sua verdadeira intenção: deixar João na jaula até que estivesse grande o suficiente para entrar numa panela preta que ficava no meio do contêiner. Ali, no Caveirão, João viraria picadinho. Maria seria queimada, mas direto na fogueira, e Beltrame faria parecer que foi um acidente. Cozinhar crianças faveladas era, para Beltrame, a receita da paz. Naquela noite, Maria não conseguiu mais dormir.

VII.

No barraco, o pai estava aflito com o sumiço das crianças, mas não sabia a quem pedir ajuda. A madrasta também não estava lá, e ele não fazia ideia do que havia acontecido naquela tarde.



VIII.

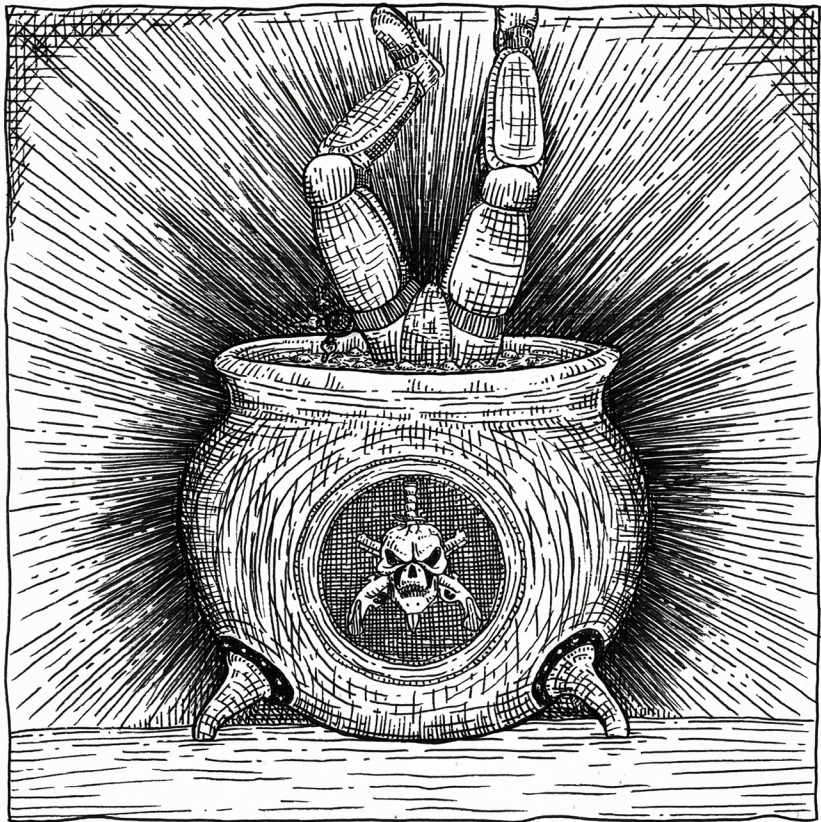
Dias se passaram, e João não chegava na idade esperada por Beltrame. Impaciente, o Secretário de Segurança resolveu botar a cabo seu plano. Ao amanhecer, quando o Caveirão estava bem quente e o fogo bem alto, Beltrame abriu a jaula e tirou Maria. Disse "entre ali no forno e veja se está quente o suficiente".

IX.

Maria, que sabia do plano de Beltrame, se fez de boba e disse: "Não sei como fazer isso. Você poderia me mostrar?". Beltrame ficou irritado, mas se ajoelhou em frente a porta do forno, inclinando-se pra dentro. Ao olhar pra trás, viu a garota se aproximar rapidamente e empurrá-lo em direção à panela.

X.

Beltrame ficou entalado da cabeça até a cintura no Caveirão, enquanto Maria soltava a chave da jaula de sua cintura. Quando os gritos de Beltrame cessaram, Maria abriu a jaula e acordou o irmão. Os dois reviraram o contêiner, onde encontraram muito dinheiro, proveniente de propinas cobradas por policiais daquele batalhão.

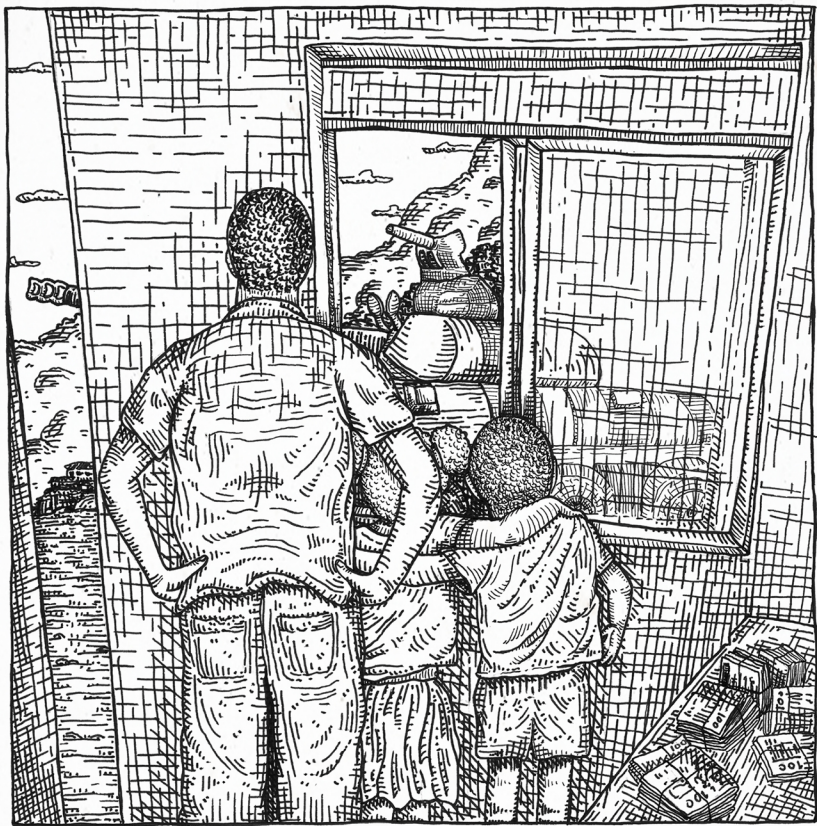


XI.

João e Maria saíram do contâiner levando o dinheiro embrulhado em suas roupas, e, de dia, reencontraram o caminho de casa. O pai, choroso, não acreditou quando avistou os filhos e correu para abraçá-los.

XII.

Os três seguiram morando na favela, a partir deste dia, sem a madrasta, que foi morta durante o tiroteio enquanto ia ao mercado comprar farinha. O pai nunca mais precisou trabalhar, e os três viveram do dinheiro que havia sido roubado pelos soldados do, agora morto, ex-Secretário de Segurança do Rio de Janeiro.





Rio de Janeiro
Novembro, 2016.

Texto: Rafucko

Ilustrações: Felipe Vaz

Baseado na trajetória de José Mariano Beltrame como Secretário de
Segurança do Estado do Rio de Janeiro entre 2007 e 2016.